

A REFORMA DA EDUCAÇÃO PROFISSIONAL NO BRASIL: PERCEPÇÕES DE EGRESSOS DO TECNÓLOGO EM SISTEMAS DE TELECOMUNICAÇÕES SOBRE COMPETÊNCIAS E AÇÃO DOCENTE

TEIXEIRA DE MELLO, S. (1)

Campus Bagé. Universidade Federal do pampa - UNIPAMPA simonemello@unipampa.edu.br

Resumen

Os cursos superiores de tecnologia são ainda pouco conhecidos no Brasil, os chamados “tecnólogos”. A maior oferta desses se deu com a reforma da educação profissional, sendo hoje a preferência de oferta no setor privado. Neste estudo apresentam-se as percepções de egressos do Curso Superior de Tecnologia em Sistemas de Telecomunicações do CEFET-RS sobre competências adquiridas ao longo do curso e sobre os docentes. Os resultados demonstram o divórcio entre o discurso oficial sobre a importância do tecnólogo e a realidade analisada, percebido através do projeto pedagógico do curso e do desconhecimento das competências pelos graduados. As competências parecem mais modismo, de difícil definição para os egressos, as estratégias de ensino se concentram em aulas expositivas e os professores têm limitada experiência no setor produtivo.

Objetivos:

O novo milênio marcou consideravelmente a educação profissional e tecnológica brasileira. As mudanças advindas da reforma da educação revelam a noção de competências nesse cenário, assim como a propagação de cursos superiores de tecnologia, os chamados tecnólogos que passam a ter oferta significativa na educação superior brasileira. Embora a sociedade brasileira ainda pouco conheça esta formação superior, pois historicamente os bacharelados e as licenciaturas são as modalidades de educação

superior mais conhecidas, os tecnólogos representam a maior parcela de graduação ofertada atualmente, em especial na rede privada (MEC/INEP, 2007). O estudo, então, objetiva o debate sobre competências na percepção de egressos do Tecnólogo em Sistemas de Telecomunicações-TST, do CEFET-RS, curso superior que tem como base disciplinas de matemática, física e áreas correlatas. Analisa-se a percepção dos egressos sobre seus professores e as competências adquiridas ao longo do curso.

Marco Teórico:

Resgata-se a noção de competências na educação, a partir da contribuição de autores como Dubar (1996), Zarifian (1998), Ropé e Tanguy (1997), Mertens (1996), Deluiz (2001) e Ramos (2002). Em se tratando de percepções sobre a ação docente utiliza-se Anastaciou e Alves (2006), assim como Mello (2007).

Metodologia:

A metodologia compreende um estudo de caso (Yin, 2006), de essência qualitativa. Foram entrevistados todos os egressos do TST formados até janeiro de 2007, totalizando 18 graduados. Os egressos foram localizados efetivamente a partir de uma comunidade no orkut: Tecnólogo de Telecomunicações. Foi através do *orkut*, que houve inserção no grupo e obteve-se retorno. Do total de egressos, 5 são mulheres e 13 homens. Variam de 24 a 34 anos. Desses, 61% têm até 26 anos, o que demonstra uma população jovem, que na maioria reside em Pelotas – RS. O estilo de entrevista adotada foi a tópica e a pesquisa é de essência qualitativa.

Conclusões:

As trajetórias escolares revelam que a maior parte dos egressos fez o ensino fundamental em escolas públicas e o ensino médio integrado a algum curso técnico do CEFET. Mais de 40% já concluíram cursos de pós-graduação *lato* ou *stricto sensu*, o que reflete a busca de maior qualificação em áreas relacionadas à telecomunicações.

Quando questionados sobre as 12 competências que compõem o perfil do egresso respondem sobre aspectos técnicos. Situam suas respostas na elaboração de projetos, desenvolvimento de serviços, ênfase em cálculo, operação de sistemas de transmissão, supervisão de redes de telecomunicações. Observa-se que as competências listadas no perfil se baseiam no pensamento funcionalista da sociologia, na medida em que são definidas como algo que a pessoa deve fazer ou deveria estar apto a tal. Como argumenta Ramos (2002), a análise funcional descreve produtos, não processos. Decompõem-se em funções de trabalho, seguindo o princípio de descrever, em cada nível, os produtos.

Para Zarifian (1998), competência é polivalência num assumir responsabilidades e na tomada de iniciativas perante eventos e situações que ocorrem na produção. Ropé e Tanguy (1997) a definem como um atributo que se refere à subjetividade da pessoa e está diretamente ligada à capacidade dela de mobilizar saberes e atitudes necessárias para, de forma autônoma, resolver problemas em dadas situações. Competência, então, implica ação, iniciativa sob a condição de autonomia, o que parece romper com um ensino estereotipado, para alunos anônimos e robotizados.

Quanto às facilidades ao longo do curso, os egressos destacam o desempenho em disciplinas que

envolvam raciocínio lógico como física e cálculo, domínio do funcionamento de sistemas de telecomunicações, a boa relação com os professores e com a instituição. Quanto às dificuldades, a estrutura física e de equipamentos em laboratórios é constante na fala deles, o precário desenvolvimento de aulas práticas e visitas técnicas na área específica do curso, assim como o pouco prenho na hora de ingressar no campo de trabalho. Percebe-se a importância da articulação entre sistema educativo e produtivo. A relação formação-emprego depende de como o trabalho é organizado no meio produtivo e de que também deve ser contribuinte da organização do currículo e dos comportamentos dos profissionais do sistema educativo (Dubar, 1998).

Em se tratando das práticas de ensino e conteúdos desenvolvidos pelos docentes, destacam que existem professores que conseguem fazer a relação entre teoria e prática e outros não. Salientam que faltou afetividade neste quesito. Infere-se a não evidência do desenvolvimento eficaz das competências docentes no caso estudado a partir da prática de ensino relatada. O ensino ainda parece estar pautado no “conteudismo”, tendo em vista as alegações de muito conteúdo, muita teoria e pouca prática. Isso é tratado por Mello (2007), quando esclarece o rompimento necessário com a educação reproduzora, característica histórica da educação profissional brasileira. Alguns entrevistados evidenciam que as aulas foram ministradas com seriedade e comprometimento por parte dos professores, buscando o encontro da base teórica com os avanços da tecnologia. Contudo, observa-se que os professores apresentam aula expositiva como prática de ensino corrente, na concepção de Anastaciou e Alves (2006).

O mosaico que é a educação profissional e tecnológica no Brasil atual evidencia o divórcio entre o discurso oficial sobre a importância do tecnólogo e a realidade analisada. A dificuldade de definir e debater sobre o tema revela o distanciamento do que está prescrito com aquilo que se dá de fato. A falta de valorização do tecnólogo pelo mercado também é reveladora (Mello, 2007).

O desconhecimento do tema pelos alunos se reflete na dificuldade de definir competências, mostra o distanciamento do que está prescrito na legislação com aquilo que se dá de fato no cotidiano docente (Mello, 2007). As competências compreendem uma amálgama de significados ainda pouco reconhecida socialmente.

Referencias Bibliograficas

ANASTACIOU, Léa; ALVES, Leonir. **Processos de ensinagem na universidade**. Joinville, UNIVILLE, 2006.

DELUIZ, Neise. O modelo das competências profissionais no mundo do trabalho e na educação: implicações para o currículo. In: Bol. Téc.SENAC, RJ, v.27, n.3, set/dez. 2001.

DUBAR, C. La sociologie du travail face à la qualification e à la competence. In: **Sociologie du Travail**, 2: p.179-191. (1996)

MELLO, Simone P. Teixeira de. **Competências Requeridas – Competências Adquiridas**: o Curso Superior de Tecnologia em Sistemas de Telecomunicações do Centro Federal de Educação Tecnológica Pelotas – RS no contexto das mudanças advindas da reforma da educação profissional. Porto Alegre: Porto Alegre, 2007. – Tese (Doutorado). Faculdade de Educação. Universidade Federal do Rio Grande do Sul. Disponível em: <http://hdl.handle.net/10183/12196>

MERTENS, Leonard. **Competência laboral**: sistemas, surgimiento y modelos. Montevideo: Cinterfor, 1996.

RAMOS, Marise Nogueira. **A pedagogia das competências**: autonomia ou adaptação? 2. Ed. São Paulo: Cortez, 2002.

ROPÉ, Françoise; TANGUY, Lucie. Saberes e competências: o uso de tais noções na escola e na empresa. Campinas, SP: Papirus, 1997.

ZARIFIAN, P. A gestão da e pela competência. In: **Seminário Internacional Educação Profissional, Trabalho e Competências**, 1996, Rio de Janeiro. Anais... Rio de Janeiro: SENAI, 1998. p.15-24.

CITACIÓN

TEIXEIRA, S. (2009). Areforma da educação profissional no brasil: percepções de egressos do tecnólogo em sistemas de telecomunicações sobre competências e ação docente. *Enseñanza de las Ciencias*, Número Extra VIII Congreso Internacional sobre Investigación en Didáctica de las Ciencias, Barcelona, pp. 2813-2816
<http://ensciencias.uab.es/congreso09/numeroextra/art-2813-2816.pdf>